

Graça Pires

O Silêncio: Lugar Habitado

Labirinto

O jogo imagético faz de *O Silêncio: Lugar Habitado*, de Graça Pires, um trabalho assombroso, quer pela subtileza das metáforas que desenvolvem a relação do Eu com o Outro (processo lírico já intensificado a. C., por exemplo na poesia de Safo), quer pelo apuro estético vocacionado para a síntese libertadora. Desta obra vencedora do Prémio Ruy Belo sublinhe-se a excelência da composição poética de uma autora que logo na estreia (*Poemas*, 1990) nomeia o silêncio, os pássaros e o voo, elementos tão presentes no poeta que dá nome ao galardão. Graça Pires materializa os símbolos em “palavras cúmplices”, vindas de “excessivas solidões”, salvando-nos, porém, com “a inicial pureza das fontes”.

Neste volume, o amor e a sedução (notável arte de Ovídio) criam um cântico prodigioso, ciente da morte que “(...) pode ser um nó / ou um grito ou uma trepadeira enroscada / no corpo ou na lápide onde escreverão / o nome que tivemos.”, contudo procurando sempre nomear a vida, irmanando a sensualidade tangível e a profundidade do espírito, modelando na água a “fenda da segura” e “o júbilo dos mastros”.

Em *O Silêncio: Lugar Habitado* (belíssima capa de Júlio Cunha) realiza-se assim a unidade do Ser: “Sei o som dos passos / com que regressas a casa. / (...) / De frutos doces me enfeito. / Uma luz clandestina / inunda minhas margens / e deixa-me um rio no vinco da cintura. / O teu desejo terrivelmente puro!”. A casa torna-se indissociável do reino amoroso, no entanto é nos silêncios das mulheres “curvadas sobre os filhos”, afugentando “a morte rente às bocas” que as casas ganham, na poesia de Graça, um maior sentido. Refira-se ainda o confronto com o tempo, evocando Fiama. Mas são as mães (tal como acontece em Herberto) que instauram nos poemas de Graça Pires os grandes significados, as tensões vigiadas por uma escrita luminosa, abrindo serenamente caminhos de reflexão.